

O filme *Casa grande* e a atualização do ressentimento e da moral nietzschiana no Brasil bolsonarista

The movie *Casa grande* and the update of resentment and the Nietzschean morality in Brazilian bolsonarism

Daniel Feix

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: danielfeix7@gmail.com. Orcid: 0000-0001-6611-4017.

Resumo:

Condição abordada na construção de personagens e filmes brasileiros ao longo das décadas, o ressentimento ganhou novas formas de expressão com a ascensão do bolsonarismo no país. *Casa grande* (2015), de Felliipe Barbosa, exemplifica essa atualização do termo a partir da decadência de uma família rica e dos tensionamentos originados por sua aproximação forçada a pessoas de estratos socioeconômicos inferiores. Admitindo que o cinema captura e elabora características do contexto social em que os filmes estão inseridos, este texto examina como esses tensionamentos se relacionam com o movimento bolsonarista então em formação na sociedade, sua moral autoritária e o vitimismo de seus adeptos diante das transformações sociais em curso.

Palavras-chave: Bolsonarismo. *Casa grande*. Cinema brasileiro. Ressentimento.

Abstract:

Condition addressed in brazilian characters and films over the decades, resentment took on new forms of expression with the rise of bolsonarism. Felliipe Barbosa's *Casa grande* (2015) exemplifies this updating of the term based on the decline of a wealthy family and the tensions arising when they're forced to approach to people from lower socioeconomic strata. As cinema captures and elaborates aspects of the context in which the films are inserted, this text examines how these tensions are related to the bolsonarist movement then being formed in society, its authoritarian morality and the victimization of its followers in the face of ongoing social transformations.

Keywords: Bolsonarism. *Casa grande*. Brazilian movies. Resentment.

Resenha recebida em 20.04.2025 e aceita em 30.09.2025.

FICHA TÉCNICA DA OBRA

Casa grande

Direção e roteiro de Fellipe Barbosa

Elenco: Thales Cavalcanti, Marcello Novaes, Suzana Pires, Clarissa Pinheiro, Bruna Amaya, Marília Coelho e Sandro Rocha

Brasil: longa-metragem, drama, 114 minutos

Estreia nos cinemas: 16 abr. 2015

*Que me importa a sombra! Que corra atrás de mim. E eu fujo dela.
[...] Quando, porém, olhei para o espelho, soltei um grito e
o coração deu-me um baque; porque não foi a mim que vi,
mas a carranca sarcástica de um demônio.
Nietzsche, Friedrich (2016 [1883])*

1 Introdução

Não é de hoje que o cinema brasileiro apresenta personagens construídos com base em características como o ressentimento. Fernão Ramos e Ismail Xavier associam muitas dessas construções ao trabalho com a outridade de classe, no sentido de que, sendo integrantes de estratos sociais superiores, cineastas com alguma frequência criaram figuras populares em um processo demarcado por culpa, má-consciência e um narcisismo às avessas – tríade basilar da personalidade ressentida conforme Friedrich Nietzsche.¹ Ou seja, historicamente, muitos filmes nacionais buscaram representar o ponto de vista dos mais pobres assumindo seus medos e anseios, falando por eles, porém sem de fato ser um deles e, assim, no fundo, sem livrar-se do peso de ter, na origem, o ponto de vista dos privilegiados.

Para Xavier, os anos 1990 demarcaram uma mudança nessas construções: se, nas décadas anteriores, personagens em geral tinham um ressentimento de classe que era canalizado para transformações no âmbito da política institucional, não raro revolucionárias, a partir do fim do século XX crescem as figurações de um ressentimento moldado por questões mais íntimas, cujo caráter político era

¹ Fernão Ramos, “Má-consciência, crueldade e narcisismo às avessas no cinema brasileiro contemporâneo”, 2013; Ismail Xavier, “Figuras do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 1990”, 2018; Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral: uma polêmica*, 1998 [1887].

delineado não por um projeto de país, e sim por afetos ligados às relações cotidianas. “A psicologia prevalece sobre o raciocínio político”, sintetiza o autor, usando, entre outros exemplos, os filmes *Ação entre amigos* (Beto Brant, 1998) e *Cronicamente inviável* (Sérgio Bianchi, 2000).²

Ocorre que as transformações políticas do país, no período subsequente, revelam-se ainda maiores, com a inserção de classes mais baixas no universo do consumo (a chamada ascensão da *nova classe C*) e a ocupação de espaços antes não ocupados por parte de minorias (graças a políticas como as cotas universitárias e a ações coletivas a exemplo dos movimentos feminista e antirracista). Parcelas consideráveis das classes altas sentiram-se atingidas por terem de dividir lugares de privilégio com quem antes não os acessava, se nem sempre reagindo de modo violento e autoritário, no mínimo engolindo e assim internalizando algum desconforto – que alimenta o ressentimento. O próprio bolsonarismo se molda, em grande parte, nesse desconforto, pois, como o movimento sociopolítico violento e autoritário que é, oferece, como resposta ao incômodo, o retorno a uma tradição que, na concepção de seus adeptos, remete à estabilidade de tempos pretéritos (devidamente idealizados). É o que indicam estudiosos do movimento bolsonarista como Rodrigo Nunes e Marcos Nobre.³

E o cinema brasileiro, em suas construções recorrentes de figuras ressentidas, acompanhou essas transformações, apresentando diversos personagens de um ressentimento carregado dos preconceitos (de classe e quanto a etnia, orientação sexual e comportamentos de um modo geral) que deram sustentação ao movimento bolsonarista. Um exemplo notável é *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015), filme que aborda justamente as tensões que se estabelecem quando a filha de uma empregada doméstica passa no mesmo vestibular no qual o filho de seus patrões foi reprovado, ocupando um espaço tradicionalmente reservado a representantes de estratos mais altos da pirâmide socioeconômica. São tensões calcadas em muito ressentimento. Na nossa visão, no entanto, outro longa-metragem é ainda mais acurado na abordagem dos meandros de conformação do ressentimento a partir desse novo contexto social nacional: *Casa grande* (Fellipe Barbosa, 2015). Isso porque, como vamos aprofundar a seguir, o movimento de ocupação da *casa grande* – termo que remete a Gilberto Freyre⁴ – e a consequente desestabilização que vai potencializar as figurações do ressentimento é abordado de modo mais complexificado, incorporando aspectos das relações sociais interpessoais que incluem elementos

² Ismail Xavier, *idem*, p. 319.

³ Rodrigo Nunes, *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, 2022; Marcos Nobre, *Limites da democracia – De junho de 2013 ao governo Bolsonaro*, 2022.

⁴ Gilberto Freyre, *Casa grande & Senzala*, 2006 [1933].

como o trabalho e as diferenças geracionais, ambos fortemente transformados no Brasil do mesmo período.

O texto, daqui para a frente, será dividido em três partes. Primeiro, apresentaremos o filme e seus conflitos dramáticos. Depois, destacaremos como subjetivações consequentes desses conflitos levam não só ao ressentimento, mas a essa atualização particularizada do que Nietzsche definiu como a condição do sujeito ressentido.⁵ Por fim, explanaremos como o cinema, pelas propriedades de sua linguagem, tem essa capacidade de capturar e elaborar características, situações e sensações que perpassam o tecido social em seu tempo. A ideia que nos move é esta: a de que os filmes desvelam uma sociedade e mesmo um país em suas relações objetivas e, também, nas subjetividades que essas relações, ao se transformarem, acabam por gerar.

2 O filme

Casa grande é o primeiro longa ficcional de Barbosa, que já havia dirigido o documentário *Laura* (2011) e depois assinaria, entre outros, o filme *Gabriel e a montanha* (2017) e a série *Amor de mãe* (2019-2021). A abertura se dá com um longo plano de uma grande propriedade, enquadrada com uma câmera imóvel, que pacientemente nos mostra o tempo passando, a noite caindo e suas luzes se apagando. É o ocaso de algo, podemos interpretar – da *Casa grande*, termo bastante difundido desde a obra de Freyre para identificar as classes privilegiadas em sua relação de desigualdade e exploração de empregados.⁶

A família que ali vive é composta por um casal (Marcello Novaes e Suzana Pires) e seu filho adolescente (Thales Cavalcante). Eles experimentam uma crise financeira, que os leva a cortar gastos e demitir funcionários, entre eles o motorista (Gentil Cordeiro). O jovem, então, passa a ter de ir à escola de ônibus – uma das muitas indicações do roteiro de que representantes das novas gerações das classes privilegiadas estão tendo de conviver mais de perto com representantes das classes populares. Nessa nova realidade, ele inclusive se apaixona por uma garota mais pobre (Bruna Amaya), o que, nas aparências, não causa maiores impactos na rotina familiar. Mas somente nas aparências.

É que a “invasora” da *casa grande* vai confrontar o patriarca, expondo contradições de seu discurso, entre outros temas, relativas à falsa estabilidade das

⁵ Friedrich Nietzsche, *idem*.

⁶ Gilberto Freyre, *idem*.

relações de classe no Brasil e a iniciativas como as cotas universitárias – um microcosmo representativo do encontro explosivo interclasses que marca o país no século XXI e que acabou por gerar muito ressentimento e, a partir desse, ódio. Conforme a narrativa avança, vemos o jovem conquistar alguma independência, culminando com uma sequência final em que, mais seguro de suas escolhas, ele celebra a vida adulta que chegou. Trata-se, é verdade, de uma independência mais emocional do que financeira, mas ainda assim uma independência – um sinal, na nossa interpretação, de que a velha elite econômica está ficando para trás e que, na aproximação recente entre os diferentes no país, a harmonia pode chegar pela superação das tradicionais barreiras da imobilidade, cuja aceitação, no entanto, parece vir apenas a partir das novas gerações.

Casa grande recebeu vários prêmios, no Festival do Rio e na Mostra de São Paulo, entre outros eventos, mas manteve a característica de filme de distribuição “pequena”, tendo estreado somente em 33 cinemas do país em 16 de abril de 2015. Fez bilheteria considerável mesmo com esse circuito tímido (38.075 ingressos vendidos), tornando-se o 23º mais visto entre os 132 longas brasileiros daquele ano.⁷ Sua base de espectadores cresceu consideravelmente após as exibições na TV Globo e a disponibilização no serviço de *streaming* Netflix, que se somaram à boa receptividade da crítica para garantir seu lugar como um exemplar significativo da cinematografia nacional do período.

3 O ressentimento e o bolsonarismo

Ainda que não seja a referência inicial sobre o tema⁸, Nietzsche aprofundou a reflexão sobre o ressentimento no âmbito da modernidade, articulando-o à formação dos valores morais em sociedade.⁹ O que é valorizado como *bom* ou *mau* está no cerne da questão à medida que, conforme o pensamento nietzschiano, a vida é uma disputa de forças e poder que acaba por criar as figuras dos mais fortes e mais fracos. A moral que divide os valores em bom e mau é consequência da fraqueza de espírito, emergindo como uma forma compensatória que trabalha na domesticação das pessoas. E o ressentimento, Nietzsche define, é um de seus motores: surge a partir da incapacidade de reação de quem “não consegue digerir os sentimentos ruins que produz”, em uma

⁷ Agência Nacional do Cinema (Ancine), *Listagem dos filmes brasileiros lançados comercialmente em salas de exibição de 1995 a 2022*, 2022.

⁸ É bastante difundida, por exemplo, a ideia de que Michel de Montaigne foi um pioneiro no pensamento filosófico sobre o ressentimento, sobretudo a partir do ensaio “A covardia é a mãe da crueldade” (2016 [1580]).

⁹ Friedrich Nietzsche, *ibidem*.

desordem psíquica que bloqueia a capacidade de ação e impede de ver e viver o tempo presente, gerando “frustração”, “rancor”, “vingança” e “vontade de ferir” o outro, conforme um de seus comentadores, Edmilson Paschoal.¹⁰

O individualismo moderno potencializa o ressentimento, sintetiza outra comentadora, Maria Rita Kehl, que traz a análise para o Brasil atual.¹¹ Isso porque o ressentimento se estabelece à medida que um sujeito transfere para o outro a responsabilidade pelo que os faz sofrer. Não é que o indivíduo ressentido seja “incapaz de esquecer ou perdoar”; trata-se de “alguém que não quer esquecer, ou *quer não esquecer*, não perdoar, nem superar o mal que o vitimou”.¹² O ressentido quer o confronto. É “um introspectivo ocupado com ruminções acusadoras e fantasias vingativas”, ela segue, citando Max Scheler: “[a] constelação afetiva do ressentimento compõe-se da soma de rancor, desejo de vingança, raiva, maldade, ciúmes, inveja, malícia”.¹³ Qualquer possibilidade de derrotismo é denegada pelo sujeito dominado pelo ressentimento, que a substitui pelo *vitimismo* – um termo, segundo Nunes e Nobre, fundamental para entender o bolsonarismo, movimento composto, em grande parte, de sujeitos desconfortáveis com novas configurações sociais.¹⁴

É importante observar que o bolsonarismo é um movimento interclasses, que tem adeptos em todos os estratos sociais, de acordo com Nobre e Nunes. Esse último autor, na nossa avaliação o cientista político que melhor define o movimento, classifica o bolsonarismo como um ponto de convergência de diversas tendências da sociedade brasileira, tendências essas conformadas ao longo das últimas décadas e sintetizadas em discursos representativos de anseios que perpassam questões econômicas, políticas e comportamentais. Explica Nunes que há sete “matrizes discursivas”¹⁵, que, por sua vez, se desdobram em formas e conteúdos variáveis, moldando-se conforme as características de cada grupo social a partir do que os autores que estudam os movimentos extremistas de direita globais nesse século XXI chamam de “hiperengajamento” (digital). Dito de outro modo, forças políticas aproveitam-se de desejos e vontades de parcelas que se sentem de algum modo prejudicadas, seja por novas configurações sociais ou por algum tipo de ansiedade não correspondida pelo estado ou pelo sistema político, para seduzi-las a partir de discursos que são construídos na medida para combater esse sentimento. Ressalte-se: o caminho para as sensações de prejuízo,

¹⁰ Edmilson Paschoal, *Nietzsche e o ressentimento*, 2015.

¹¹ Maria Rita Kehl, *Ressentimento*, 2020.

¹² Maria Rita Kehl, *idem*, p. 10.

¹³ Maria Rita Kehl, *ibidem*, p. 10; Max Scheler, *L'homme du ressentiment*, 1958.

¹⁴ Marcos Nobre, *idem*.; Rodrigo Nunes, *idem*.

¹⁵ Rodrigo Nunes, *ibidem*, s/p. (a falta de paginação, nessa citação e em outras que virão a seguir no texto, se deve ao acesso via *e-book* não paginado).

ansiedade e vitimismo inclui a ascensão social de pobres e minorias (incômoda para muitos), a descrença no estado e no sistema político, ambos inapelavelmente corrompidos (o que abre caminho para o individualismo libertarianista e o empreendedorismo independente), e a crença de que está em curso uma perda de valores tradicionais (trazida pela ideia de que a vida seria melhor antes, mesmo em tempos de ditadura, e que a “doutrinação” de professores e pensadores nos impediriam de conhecer essa “verdade”). Eis as sete matrizes do discurso bolsonarista, de acordo com Nunes:

Militarismo policial (apoio a políticas de lei e ordem e ao uso extrajudicial da força); anti-intelectualismo evangélico (rejeição da ciência e da educação formal em favor da religião e da experiência pessoal); empreendedorismo monetarista (um *ethos* de “empreendedor de si mesmo” no qual a precariedade equivale à autonomia); libertarianismo econômico; anticomunismo [sendo estas duas últimas complementares e acessórias às duas anteriores]; combate à corrupção; e conservadorismo social [sendo estas duas últimas desmembramentos ou ampliações das matrizes discursivas anteriores].¹⁶

O ressentimento também é interclasses. Isso porque o mal-estar da convivência que leva o indivíduo a canalizar nos outros as suas frustrações perpassa a todos, sintoma de uma crise coletiva que é ampla porque é do próprio capitalismo, como preconizou Mark Fisher.¹⁷ As mudanças sociopolíticas estão vinculadas às culturais nesse momento histórico recente, indica Fisher, porque a sensação de que o capitalismo é a única alternativa viável de vida leva a um sentimento generalizado de “expectativas descrentes”, como se o futuro estivesse “cancelado”, o que é agravado pela monetarização de todo e qualquer valor e conduz a uma “esterilidade do pensamento”.¹⁸ As relações sociais, incluindo a própria política, são determinadas por aspectos cada vez mais irracionais, sendo movidas, em grande parte, por afetos. E, em meio a esse ressentimento tão proeminente, os afetos mais usuais são aqueles listados por Kehl, com destaque, na nossa visão, para o ódio do outro – aquele que o sujeito ressentido identifica como o gerador de seu desconforto. O afeto mais sintomático do mal-estar gerado pela aproximação do outro indesejado, nesse contexto de fim do futuro e tensionamentos que podem desembocar em violência, como aponta Christian Dunker, é o ódio¹⁹.

Casa grande foca na exposição desse desconforto, que vai disparar esses afetos, incluindo o ódio, sempre pela via do que, na caracterização marxista, pode

¹⁶ Rodrigo Nunes, *ibidem*, s/p.

¹⁷ Mark Fisher, *Capitalismo realista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, 2020 [2009].

¹⁸ Mark Fisher, *idem*, s/p.

¹⁹ Christian Dunker, “A violência como nome para o mal-estar” (2015a), p. 50.

ser descrito como a luta de classes²⁰. No filme, as frustrações são sempre da elite, incomodada com a ousadia do outro popular, seja o empregado que, demitido, teve a “ultrajante” iniciativa de acionar os patrões judicialmente, mesmo que fosse “quase da família”; seja a nova namorada do filho, que diz ao patriarca, quando esse, após algum tempo disfarçando, finalmente se revela incomodado com o ingresso de pessoas pretas no ensino superior: “[a] política de cotas já virou lei federal. Já foi. E vocês perderam”. Em outros termos, estamos afirmando que o longa de Barbosa captura e elabora, dramaticamente, o aspecto classista (e racista) desse crescimento do ressentimento no Brasil de seu tempo. Há outros.

Michael Sandel é quem nos parece sintetizar melhor essa capacidade de o ressentimento atravessar com tanta potência as relações sociais como um todo.²¹ Segundo esse autor, a virada do século XXI foi marcada por novas atitudes de quem experimenta o sucesso, com os “vencedores” acreditando que venceram por méritos só seus, desconsiderando o contexto em que vivem e entendendo-se merecedores indiscutíveis do que lhes é concedido, enquanto os “perdedores”, sejam quais forem suas trajetórias, seriam também merecedores de seu destino. É uma ideia de meritocracia que reforça a estereotipia social e que ganhou o senso-comum no estágio atual da vida em sociedade, valorizando o empreendedorismo individual e desencadeando juízos de valor que rebaixam quem tem menos conquistas. A frase-clichê “estou aqui porque mereci” é um registro sintético disso, assim como a ordem tantas vezes repetida “ponha-se no seu lugar”. Uma consequência é o fortalecimento das desigualdades, não só de renda, mas de estima, de respeito e de reconhecimento, construindo abismos, além de econômicos, culturais. As diferenças se fortalecem, como se todos se afastassem – o que ocorre, paradoxalmente, em meio à sensação de que se está mais perto de tudo, mais acessível ao outro. O outro se visibiliza. Mas segue distante – onde fica mais difícil de reconhecer a sua humanidade. E, conseqüentemente, mais fácil de culpá-lo por desconfortos que, nesse mundo do capitalismo em crise e da falta de alternativas viáveis à superação dessa crise, têm potencial de virarem ódio.

²⁰ Entendemos a luta de classes, a partir de Karl Marx (1996 [1867]), como o conflito inerente à organização da produção na sociedade capitalista, luta essa que se estabelece entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores, responsáveis diretos pela força geradora dessa produção. Trata-se de um antagonismo incontornável, dado que suas posições e seus interesses são distintos, e que se intensifica no momento de tomada de consciência da posição de subalternidade por parte da classe trabalhadora. Em *Casa grande*, a tomada de consciência quanto às posições socioeconômicas de cada figura em cena mostra-se determinante para os tensionamentos que se sucedem ao longo da narrativa.

²¹ Michael Sandel, *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?*, 2020; e *O descontentamento da democracia: uma nova abordagem para tempos perigosos*, 2023.

O ódio é generalizado; *Casa grande* é que se propõe a abordar apenas um de seus aspectos – aquele cuja origem se dá pelos conflitos de classe. Na nossa interpretação, trata-se de um filme sobre “sair da bolha” construída em torno de cada grupo social e na qual predomina uma ideia de harmonia. A decadência econômica dos personagens força uma descida da pirâmide e, com ela, o impacto: o que se vê comprova que a harmonia, nessa vida marcada pelas desigualdades que historicamente cultivaram a divisão social entre a *casa grande* e o restante da sociedade, só existia quando esse restante estava invisibilizado. Dunker – que se debruça especificamente sobre o impacto do mal-estar social gerado pela invisibilização do outro – usa o termo “lógica do condomínio” para descrever esse modo de vida de hoje, em que é primordial isolar-se para fugir da sensação de insegurança e, também, da presença do outro, que, simplesmente por ser o outro, aciona o gatilho do medo.²² A lógica do condomínio criou grupos com baixos teores de diversidade, sendo “uma máquina de produção de intolerância a longo prazo”, intolerância essa que se materializa no reencontro com o lado externo da bolha e a redescoberta do outro até então invisível.²³

Uma cena chama especial atenção no processo de visibilização do outro popular agora descoberto pela elite. É quando a patroa, revirando os pertences de uma das empregadas domésticas, que é bonita e desperta o desejo do jovem filho da família (e é interpretada por Clarissa Pinheiro), encontra fotos dela posando de maneira sensual. A patroa acha engraçado, mas em seguida fica nervosa ao lembrar que é aquela mulher bela, porém subalterna, que convive muito proximamente a seu marido e filho. E a confronta. Demonstrando todo o seu ressentimento, pergunta se a funcionária não estaria arrependida por posar “daquele jeito”. A empregada reage, devolvendo a questão: “[e] a senhora tem algum arrependimento de ter ido mexer nas minhas coisas?”. É um tipo de confronto que, décadas atrás, não se via com tanta frequência nas representações dos conflitos de classe no cinema nacional. Em décadas anteriores, o outro popular, como analisou Xavier, levantava-se, empoderava-se ou protagonizava eventos catárticos, todavia constantemente em ações políticas simbólicas de um projeto de país mais justo e menos desigual.²⁴ Em *Casa grande*, o levante é mais pontual, diz respeito a situações corriqueiras da vida rotineira e, assim sendo, reflete não apenas sobre essa ascensão recente das classes mais baixas, mas sobre o tipo de convivência nem sempre harmônica que o encontro com as classes mais altas provoca – algo que

²² Christian, Dunker, “A violência como nome para o mal-estar”, 2015a; e “Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros”, 2015b.

²³ Christian Dunker, 2015b, s/p.

²⁴ Ismail Xavier, *Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal*, 2012 [1993].

tem uma explicação possível devido ao ressentimento que essa mobilidade social desperta.

Nietzsche escreveu sobre o apelo à moral como recurso do ressentido diante do outro empoderado, o que ilustra com propriedade, na nossa visão, o diálogo acima descrito, quando a patroa sugere que sua doméstica, pela capacidade de despertar o desejo alheio e assim desestabilizar o núcleo familiar que na verdade já estava desestabilizado, deveria se envergonhar de suas fotos:

[d]e que acham vocês que ele tem necessidade, necessidade imperiosa, para dar a si mesmo aparência de superioridade sobre aqueles que têm mais espírito do que ele, para dar-se o prazer de uma vingança consumada pelo menos na imaginação? Sempre a moralidade (pode-se apostar!), sempre as grandes palavras da moral, sempre as cantilenas de justiça, de sabedoria, de santidade, de virtude.²⁵

O fato de a subalterna ser mais *forte*, para repetir a terminologia usada por Nietzsche, ou seja, ter a virtude da dignidade diante de situações da vida que fazem o outro de classe (mais poderoso, porém mais *fraco*) tentar diminuí-la com o apelo da moral, parece-nos sintomático do contexto estabelecido no Brasil deste século XXI, um país afetado pela mobilidade social especialmente de pobres e minorias. Kehl, que lançou seu estudo sobre o ressentimento em 2004, reeditando-o dezesseis anos depois com um posfácio de título sugestivo (“O ressentimento chegou ao poder [no Brasil, com a eleição de Bolsonaro]?”), fala especificamente na crueldade como compensação ao vitimismo desse sujeito enfraquecido com a presença do outro que ascendeu socialmente.²⁶ O ressentido se permite prejudicar deliberadamente esse outro como uma espécie de cobrança por sua força. É, ao mesmo tempo, prova de sua falta de virtude e reconhecimento da virtude do outro ascendido. A cena recém-referida de *Casa grande* termina de modo ilustrativo para esse ponto: a patroa demite a empregada, decisão que a personagem de Suzana Pires comunica manifestando todo o turbilhão que a acomete – há raiva, desejo de vingança, maldade e inveja, entre outros sentimentos expressados pela atriz nesse momento do filme.

O cinema brasileiro tem uma longa tradição de representação das domésticas, historicamente caracterizadas (sobretudo no período da pornochanchada, ou seja, entre o fim dos anos 1960 e o início dos 1980) pela objetificação sexual e pelo silêncio, o que claramente se altera nesse século XXI, com filmes como *Casa grande*. Contudo, sublinhamos que o tensionamento explicitado na sequência descrita acima tem como ponto determinante esses afetos de desgosto consequentes do ressentimento alimentado pela sua patroa. A

²⁵ Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*, 1997 [1882], p. 233.

²⁶ Maria Rita Kehl, *ibidem*.

empregada mudou, mas quem não suportou a mudança, desencadeando o conflito, foi a empregadora. Essa transfere a responsabilidade da desestabilização das relações à sua subalterna, porém o fundamental para que a desestabilização tenha ocorrido foi a sua inveja, a sua raiva, o seu desconforto com o novo posicionamento da subalterna. A vitimização de quem está acima na hierarquia socioeconômica é uma clara consequência de sua fraqueza moral, e a transferência projetada a alguém de outra classe apenas confirma essa configuração, típica do ressentimento e dos afetos que tal sentimento desencadeia.

Em Nietzsche, trata-se de “sacralizar a vingança sob o nome de justiça – como se, no fundo, a justiça fosse apenas uma evolução do sentimento de estar ferido – e depois promover, com a vingança, todos os afetos reativos”.²⁷

4 Considerações finais

O vitimismo e essa tentativa torta de justiça que é na verdade uma busca autoritária por vingança perpassam as relações sociais no Brasil desse século XXI, consequência das movimentações verificadas desde o início dos anos 2000 e da posterior curva à extrema direita que o país fez ao eleger Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018. A impressão de crise, que é global pois inerente ao estágio atual do mundo capitalista, se potencializa com esse particular sentimento de derrocada da elite, tema central de *Casa grande*, como se a sensação de “fim do mundo”²⁸ se reforçasse aos olhos de quem, se não perdeu os postos de privilégio, agora precisa dividi-los. O ressentimento também é potencializado nesse contexto, na nossa interpretação, e se atualiza justamente ao incorporar as frustrações das relações sociopolíticas.

Com toda a gama de afetos reativos que o ressentimento desperta, e que aqui já mencionamos, deve-se ressaltar que se trata de uma condição complexa, com múltiplas origens e possibilidades de desdobramento, entre as quais essa construção moral que associa o *bom* ao que, presume-se, seja a vítima, e o *mau* à outridade de classe em seu atrevimento “invasivo” que vem a ser o mero ato de se tornar visível. Não à toa, escreve Nunes, o “cidadão de bem” (uma designação eminentemente moral) tornou-se “a figura representativa de todo o

²⁷ Friedrich Nietzsche, *idem*, p. 57.

²⁸ Referência ao subtítulo do já referido estudo de Fisher (2020): *Capitalismo realista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*

bolsonarismo”, ou “um resumo do ideal bolsonarista” ou, ainda, “o significante vazio que representa o bolsonarismo para si mesmo”.²⁹

O que *Casa grande* faz é capturar e elaborar esse espírito de seu tempo, ou seja, aspectos das relações sociais que se fazem sentir no contexto de produção do filme, e entregá-lo ao espectador em forma de criação estética. Trata-se de uma particularidade da linguagem do cinema, segundo Siegfried Kracauer, mais do que da arte como um todo: desvelar à própria sociedade aquilo que ela efetivamente é, mesmo que nem sempre se dê conta, pois muito do que a define está escondido das relações interpessoais, restrito a “profundas camadas da mentalidade coletiva, que se situam mais ou menos abaixo da dimensão da consciência” social.³⁰ Ou, nesse caso, aquilo que vinha se moldando na sociedade, afinal, as tensões oriundas de frustrações, vitimismo, ressentimento, ódio e violência autoritária já existiam, ainda que não houvessem sido nomeadas como o movimento extremista que se fez ver em 2018.

Se o autoritarismo é como a sombra que corre atrás do homem social, e dela ele foge, como indica a imagem da referência da epígrafe nietzschiana deste texto, deparar-se com sua inevitabilidade, tamanha a presença desse ressentimento odioso que aqui estamos abordando, só pode resultar no grito de desespero consequente do encontro com um monstro, ou, como preferiu o tradutor brasileiro da edição citada de *Assim falava Zaratustra*, um demônio.³¹ *Casa grande* é um dos filmes, talvez o mais significativo de todos, que nos apresenta o monstro. É um dos filmes que nos mostra de onde o monstro vem e com quem ele se parece – conosco. E ele está sorrindo. Pronto a nos atormentar.

²⁹ Rodrigo Nunes, *idem*, s/p.

³⁰ Siegfried Kracauer, *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*, 1988 [1947], p. 18.

³¹ Friedrich Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*, 2016 [1883], p. 91.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (Ancine). Observatório do Cinema e do Audiovisual. *Listagem dos filmes brasileiros lançados comercialmente em salas de exibição de 1995 a 2022*. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oqa/cinema/arquivos-pdf/listagem-de-filmes-brasileiros-lancados-1995-a-2022.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DUNKER, Christian. A violência como nome para o mal-estar. In: KUCINSKI, Bernardo *et al.* (orgs.). *Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação*. São Paulo: Boitempo, 2015a.

DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015b.

FISHER, Mark. *Capitalismo realista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1988.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Editora 34, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Escala, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: livro para toda a gente e para ninguém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NOBRE, Marcos. *Limites da democracia – De junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PASCHOAL, Edmilson. *Nietzsche e o ressentimento*. São Paulo: Humanitas, 2015.

RAMOS, Fernão. Má-consciência, crueldade e narcisismo às avessas no cinema brasileiro contemporâneo. ***Comunicação & Informação***, v. 5, nº 1-2., pp. 13-24, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24167/14058>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SANDEL, Michael. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANDEL, Michael. *O descontentamento da democracia: uma nova abordagem para tempos perigosos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SCHELER, Max. *L'homme du ressentiment*. Paris: Galimard, 1958.

XAVIER, Ismail. *Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal*. São Paulo: CosacNaify, 2012.

XAVIER, Ismail. Figuras do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 1990. *Aniki – Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, v. 5, nº 2, pp. 311-332, 2018.